

OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À LITERATURA NO CONTEÚDO DE *A BOMBA*, UMA REVISTA ILUSTRADA, HUMORÍSTICA E LITERÁRIA (CURITIBA, 1913)¹

THE MEANINGS ATTRIBUTED TO LITERATURE IN THE CONTENT OF *A BOMBA*, AN ILLUSTRATED, HUMOROUS, AND LITERARY MAGAZINE (CURITIBA, 1913)

LUANA CAMARGO GENARO^{2*}
RODRIGO GONÇALVES SOBRINHO^{3*}

RESUMO: As revistas ilustradas surgiram no século XIX, uma época em que se confundia imprensa e literatura. Os periódicos ilustrados publicados na Primeira República fizeram experimentações com a linguagem verbal e não verbal, a exemplo de *A Bomba*, que se autodenominava ilustrada, humorística e literária. A revista publicou textos em gêneros discursivos diversos, muitos em tom satírico, charges coloridas e fotografias em preto e branco. Publicada em Curitiba, em 1913, o periódico totalizou 20 edições. O objetivo deste trabalho, um estudo ainda introdutório, é compreender o significado da autodesignação “literária” para *A Bomba*. Quais seriam os significados internos atribuídos ao uso das palavras “literatura”, “literário(s)” e “literária(s)” na revista? Por meio da análise de conteúdo da Laurence Bardin, com algumas adaptações, estudou-se o contexto em que apareceram as palavras “literatura”, “literário(s)” e “literária(s)” no interior da revista através da codificação e técnica da análise das relações. A teoria literária aliada ao contexto histórico serviu de apoio para a interpretação dos resultados. A análise demonstrou que a revista estava inserida no sistema literário de seu tempo e concebia a literatura conforme a interpretação contemporânea do conceito influenciada pelo romantismo. A metodologia aplicada mostrou-se eficiente para a exploração inicial da documentação estudada.

Palavras-chave: Imprensa. Literatura. Primeira República.

ABSTRACT: Illustrated magazines emerged in the nineteenth century, a period in which the press and literature were often conflated. Illustrated periodicals published during Brazil’s First Republic experimented with verbal and non-verbal language, as exemplified by *A Bomba*, which described itself as illustrated, humorous, and literary. The magazine published texts in a variety of discursive genres, many with a satirical tone, as well as color cartoons and black-and-white photographs. Published in Curitiba in 1913, the periodical totaled twenty issues.

¹ Este artigo é o resultado do trabalho final de conclusão da Especialização em Estudos da Linguagem (IFPR, 2025) sob a orientação do professor Rodrigo Gonçalves Sobrinho.

^{2*} Graduada em História (UFPR) com Especialização em Sociologia Política (UFPR) e Especialização em Estudos da Linguagem (IFPR). Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná (SEED-PR). (E-mail: luanacgenaro17@gmail.com).

^{3*} Doutor em Estudos Literários (UFPR). Instituto Federal do Paraná (IFPR). (E-mail: rodrigo.sobrinho@ifpr.edu.br).

The aim of this article, an introductory study, is to understand the meaning of the self-designation “literary” adopted by *A Bomba*. What internal meanings were attributed to the use of the terms “literature,” “literary” (masculine), and “literary” (feminine) within the magazine? Through content analysis based on Laurence Bardin’s framework, with some adaptations, the contexts in which the terms “literature,” “literary” (masculine), and “literary” (feminine) appeared within the magazine were examined by means of coding and relational analysis techniques. Literary theory, combined with the historical context, provided support for the interpretation of the results. The analysis showed that the magazine was embedded in the literary system of its time and conceived of literature in accordance with contemporary interpretations of the concept influenced by Romanticism. The applied methodology proved effective for the initial exploration of the documentation studied.

Keywords: Press. Literature. First Republic.

INTRODUÇÃO

A revista *A Bomba*⁴ foi publicada em Curitiba entre junho e dezembro de 1913 em um total de 20 edições. Impressa inteira em papel *couché*, veiculou textos em diferentes formatos como contos, crônicas, poemas, anedotas, provérbios etc., muitos deles em tom satírico, além de imagens como charges coloridas e fotografias em preto e branco. Durante todas as edições, o periódico se autodesignou como uma revista “ilustrada, humorística e literária”. Considerando a experimentação da linguagem verbal praticada pela publicação com gêneros discursivos diversos e o contexto de aproximação entre a imprensa e a literatura durante o século XIX, assim como a paulatina separação entre ambas as atividades no início do século XX no Brasil, o objetivo deste trabalho é compreender o significado da autodesignação “literária” para *A Bomba*. Mais especificamente, procurar-se-á responder: quais os significados internos atribuídos ao uso das palavras “literatura”, “literário(s)”, “literária(s)” para a revista?

Inspirada na metodologia da análise de conteúdo da Laurence Bardin,⁵ o estudo se efetivará pela aplicação da codificação e da adaptação da técnica da análise das relações. A *codificação* consiste em fazer o recorte (escolha das unidades), a enumeração (escolha das regras de contagem) e classificação e a agregação (escolha das categorias). As unidades são as unidades de registro e de contexto. A *unidade de registro* (unidade de significação a codificar)

⁴ As edições da revista *A Bomba* podem ser encontradas para consulta na Divisão de Multimeios da Casa da Memória e na Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba. Em formato digital está disponível em preto e branco no site da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>) e a cores no site *Crônica da Rua – Memória da imprensa periódica em Curitiba* (<http://www.chronicadarua.com.br/>). Mais informações sobre as revistas ilustradas publicadas em Curitiba nos anos 1900-1920 constam no site *Revistas Curitibanas 1900-1920* (<http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/>). As consultas às edições da revista no site da Hemeroteca Digital para este estudo ocorreram em novembro de 2024 e, novamente, nos meses de janeiro a abril de 2025.

⁵ BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1979.

pode ser o tema, a palavra ou a frase. Neste trabalho são os termos “literatura”, “literário(s)” e “literária(s)”. A *unidade de contexto* (segmento da mensagem usada para codificar a unidade de registro) são os “textos” ou gêneros discursivos com a *presença* das palavras selecionadas. Como o estudo é qualitativo, não serão contadas as presenças/ausências dos termos para medir a frequência das ocorrências como sugere a autora para uma abordagem quantitativa. A categorização (classificação dos elementos constitutivos do conjunto por diferenciação e, na sequência, por reagrupamento entre semelhantes) dependerá dos resultados.

A *análise das relações* prevê verificar a relação dos elementos do texto entre si. Esta proposta considera as presenças das unidades de registro como *co-ocorrências* e visa extrair do texto a relação de associação de dois ou mais elementos no interior de uma mesma unidade de contexto. Ou seja, a relação entre as unidades de registro.⁶ Neste trabalho, a adaptação da análise das relações se dará pela procura das palavras que se relacionam com cada unidade de registro separadamente, não destas entre si. A teoria literária e o contexto histórico da Primeira República servirão de apoio para situar a revista e interpretar os resultados da análise.

A autodefinição de *A Bomba* como revista “ilustrada, humorística e literária”, presente em todas as edições, constitui um indício relevante para a compreensão de sua proposta editorial. A bibliografia sobre a imprensa durante a Primeira República⁷ indica um processo de segmentação editorial ainda difuso e não plenamente consolidado. Nesse contexto, predominavam revistas de variedades que frequentemente combinavam diferentes propostas temáticas e editoriais.

Em se tratando das revistas de São Paulo, segundo Ana Luiza Martins, poderiam trazer o subtítulo “variedades” e “ilustradas”, o que embora configure historicamente uma novidade no tocante à tipologia da publicação era ainda muito abrangente, impossibilitando delimitar o que era uma e outra.⁸ A respeito da literatura e humor nas revistas, a autora afirma:

Da mesma forma, as revistas *literárias* indiscriminaram-se e confundiram-se com aquelas de tipologias específicas. Ou melhor, a literatura se colocou em todo o periodismo da época, dado o vazo daquela geração, às voltas com poesia, prosa e muita paixão. Na sua maioria anunciavam propósitos literários, mas em seu interior apresentavam, sobretudo, ilustrações, notas sociais, crítica ou exaltação política, a infalível crônica e algum soneto. [...]

⁶ *Idem*.

⁷ COBEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: LUCA, Tânia Regina de. MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p.103-129. *E-book kindle*. LUCA, Tania Regina de & MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006 (Coleção Paradidáticos). p. 41. MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008. p. 276-277.

⁸ MARTINS, Ana Luiza. *Op. cit.*, p. 276.

Quanto ao *humor*, se fez presente em grande parte daquela produção, sobretudo na quadra 1908-1922, com as figuras da oligarquia, disseminando-se por toda a produção revisteira.⁹

A caracterização feita por Ana Luiza Martins acerca das revistas paulistas do período combina com o encontrado nas revistas curitibanas. Na capital paranaense, alguns exemplos são a revista *O Sapo* (1898-1902) que tinha o subtítulo ou, nos nossos termos, autodenominava-se um “Semanário litterario e humorístico”; *Breviario* (1900), uma “Revista de Arte”; *A Rolha* (1908) um “Semanário Pilhérico, Crítico e Literário”; *Fanal* (1911), um “Orgão Literário”; o *Paraná Moderno*, em 1910, um “Hebdomadario ilustrado, propugnador dos direitos e divulgador das condições vitais do Estado” e, em 1911, uma “Revista Ilustrada: defensora dos direitos e divulgadora das condições vitais do Estado”. Em outros casos, ao invés da linha editorial, indicavam o vínculo institucional, como em o *Myrto e Acacia* (1916-1920) apresentada como “Orgão do Instituto neo-Pythagorico”.¹⁰ O conteúdo poderia se aproximar mais do descrito no subtítulo, como na *Fanal*, ou ser mais eclético como em *A Bomba*.

Em muitas revistas do período, a linguagem variava tanto na forma quanto no conteúdo por meio de gêneros discursivos diversos e temáticas que passavam da sátira política aos assuntos mais cotidianos. A revista *A Bomba* foi um dos exemplos mais emblemáticos dessa leva de publicações pela qualidade do papel, considerável manutenção de suas características ao longo das edições (não houve nenhuma mudança drástica que a tenha desconfigurado), por ser fartamente ilustrada e abranger muitos temas ligados à cidade tanto na linguagem verbal quanto visual da primeira à última edição.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, ainda em construção, que busca compreender a linguagem adotada pela *A Bomba* em sua heterogeneidade na forma e no conteúdo, relacionando o periódico com o contexto da cidade à época. Nesta pesquisa, a análise da relação temática entre as palavras selecionadas e os termos a elas associados constitui um primeiro passo para compreender o aspecto literário deste periódico. A relevância, por sua vez, decorre da diversidade da linguagem encontrada na revista e da participação de escritores que integram as histórias das literaturas curitibana e paranaense. Além disso, o estudo permite avaliar o potencial de aplicação da análise de conteúdo como escolha metodológica.

⁹ *Ibidem*, p. 277. Grifos de Ana Luiza Martins.

¹⁰ Todas as revistas citadas estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 28 mai. 2026.

O CONCEITO DE LITERATURA

Por mais que se busque uma definição clara para *literatura*, a teoria literária mostra o quanto o conceito é uma construção cultural que se transforma com o tempo e a sociedade tanto quanto variam os usos da linguagem. A discussão é extensa, ainda assim válida para a análise por ampliar as possibilidades de reflexão e consistir na palavra-chave deste trabalho. Etimologicamente, a palavra "literatura" provém do latim *litteratura*, que significa "escrita", "gramática" ou "ciência", derivada de *littera*, "letra". Durante a modernidade, no século XVI, a literatura era compreendida como "cultura", mais especificamente a cultura do letrado, do erudito. Assim, "ter literatura" significava deter um saber resultante de um conjunto de leituras. Associado à ideia de elite, o termo acabou designando o "grupo das pessoas de letras" e os "senhores da literatura".¹¹

Embora muitas obras escritas nos últimos vinte e cinco séculos sejam consideradas literárias, o conceito contemporâneo de literatura tem aproximadamente duzentos anos. Até 1800, o termo literatura e seus equivalentes nas línguas europeias significavam "textos escritos" ou "conhecimento de livros".¹² Na acepção contemporânea, a literatura ocidental surgiu no século XIX com o enfraquecimento do sistema tradicional de gêneros poéticos, vigente desde Aristóteles (gêneros épico, dramático e lírico). A literatura entendida como arte poética, até então, era o verso. No século XIX ocorreu um deslocamento interpretativo e os dois grandes gêneros, a epopeia e o drama, deixaram de ser escritos em verso para serem expressos em prosa e, mais tarde, a poesia lírica tornou-se sinônimo de toda a poesia. A partir de então, entendeu-se por literatura o romance, o teatro e a poesia, mas com o romance e o teatro identificados com a prosa e a poesia apenas com o verso, antes do advento do verso livre e do poema em prosa mexerem ainda mais com o sistema de gêneros.¹³

A ideia de literatura como escrita imaginativa remonta aos teóricos do romantismo alemão do final do século XVIII.¹⁴ Até esse período, a arte verbal estava restrita à poesia, mas, gradualmente, consolidou-se o conceito de uma *arte da linguagem*, e surgiram o romance e os gêneros em prosa oriundos do jornalismo. Se, inicialmente, o termo literatura se referia à elite e à aristocracia, posteriormente, passou a designar um conjunto de obras, e não

¹¹ JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2020. *E-book Kindle*.

¹² CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

¹³ COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

¹⁴ CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999, p. 29.

mais apenas os indivíduos que as produziam. Assim, a literatura deixou de significar um saber acumulado para denotar uma prática e o conjunto de obras resultantes dessa prática.¹⁵

O pensamento romântico exerceu grande influência nas interpretações sobre a literatura. A ideia de que a obra de arte possuía um valor autônomo contribuiu para que o conceito adquirisse o sentido de *uso estético da linguagem escrita*.¹⁶ Ademais, o romance, o teatro e a poesia passaram a compor a literatura, com seus juízos de valor variando conforme a época e o local. A literatura também passou a ser associada à nação e à sua história, tornando-se, essencialmente, nacional. Outra tendência desse viés foi a vinculação da literatura aos grandes escritores, aqueles que melhor representariam o espírito de uma nação. Alguns romances, dramas e poemas são categorizados como literatura devido à importância conferida aos seus autores.¹⁷

A discussão sobre o que é literatura transcende a historicização do conceito e tentativas de categorizá-la pela relação entre a escrita literária e ficção, a aplicação da linguística aos estudos literários como fizeram os formalistas russos, assim como a suposta ausência de pragmatismo na leitura literária e a crença que a escrita literária é uma escrita bonita são interpretações e abordagens questionáveis. Para começar, a associação automática entre escrita literária e ficção, recorrente no senso comum, não é adequada, pois a distinção entre fato e ficção varia ao longo dos séculos a ponto de obras consideradas literárias em determinada época o terem deixado de ser em outra.¹⁸

Os formalistas russos, por sua vez, conceberam a literatura como uma forma peculiar de uso da linguagem, diferenciando-a da linguagem comum usada no cotidiano. Para eles, a literatura era regida por leis específicas e possuía estruturas e mecanismos próprios, devendo ser analisada por seus artifícios formais (som, imagens, ritmo, sintaxe, métrica, rima e técnicas narrativas geradoras de estranhamento). Em síntese, "para os formalistas, o caráter 'literário' advinha das relações *diferenciais* entre um tipo de discurso e outro",¹⁹ os quais poderiam sofrer mudanças ao longo do tempo. Todavia, essa perspectiva se mostrou limitada, pois não há artifício literário, a exemplo da metonímia, que não seja aplicado no discurso diário. Não lhes interessava, entretanto, conceituar literatura, mas investigar os usos especiais

¹⁵ JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2020. *E-book Kindle*, p. 28.

¹⁶ *Ibidem*, p. 29.

¹⁷ COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 32-33.

¹⁸ EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 2-4.

¹⁹ *Ibidem*, p. 8. Grifo do autor.

da linguagem (*literaturidade*²⁰) nos textos, independentemente se tidos como literários ou não.²¹

Quanto aos dois últimos itens, a leitura literária seria não pragmática no sentido de não ter finalidade utilitária, contrastando com a leitura pragmática de um manual técnico ou de uma receita culinária. Porém, qualquer leitura pode ser feita poeticamente se o leitor assim o desejar. A ideia de que a literatura seria uma escrita altamente valorizada e bela (*belle lettre*), por sua vez, também é questionável, pois depende de juízos de valor que variam conforme os costumes.²²

A desconstrução de todos esses critérios demonstra o quanto a literatura não é uma categoria objetiva e descritiva, portanto, não faz sentido estudá-la como se fosse uma entidade estável e bem definida, tal qual a entomologia é o estudo dos insetos.²³ Afinal, não há uma essência da literatura.²⁴

Alguns tipos de ficção são literatura, outros não; parte da literatura é ficcional, e parte não é; a literatura pode se preocupar consigo mesma no que tange ao aspecto verbal, mas muita retórica elaborada não é literatura. A literatura, no sentido de uma coleção de obras de valor real e inalterável, distinguida por certas propriedades comuns, não existe.²⁵

Ao contrário da linha de pensamento demonstrada por Vincent Jouve,²⁶ Jonathan Culler,²⁷ Antoine Compagnon²⁸ e Terry Eagleton²⁹ que desconstroem e problematizam o conceito de *literatura*, a discussão pela ótica da estética, segundo Ariano Suassuna,³⁰ é mais direta. Para este autor, o termo literatura abrange as *artes da linguagem*, que se subdividem em dois gêneros: poesia e prosa. Inicialmente, a distinção entre poesia e prosa baseava-se em um critério formal: a poesia era composta em versos, nos quais se encontravam a métrica e a rima. No entanto, essa distinção revelou-se insuficiente, pois, embora a poesia grega fosse metrificada, não era rimada. Além disso, alguns poetas românticos posteriormente resgataram o verso branco, metrificado, mas sem rima, e, mais recentemente, surgiram exemplos de poesia sem métrica nem rima.³¹

²⁰ O mesmo conceito aparece como *literariedade* na tradução dos livros do Antoine Compagnon (1999) e Jonathan Culler (1999).

²¹ EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 8.

²² *Ibidem*, p. 11-15.

²³ *Ibidem*, p. 16.

²⁴ EAGLETON, Terry. *Op. cit.*, p. 16; COMPAGNON, Antoine. *Op. cit.*, p. 44.

²⁵ EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 16.

²⁶ *Op. cit.*

²⁷ *Op. cit.*

²⁸ *Op. cit.*

²⁹ *Op. cit.*

³⁰ SUASSUNA, Ariano. A Literatura. In: **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 335-342.

³¹ *Ibidem*, p. 336.

Diante da impossibilidade de distinguir entre a poesia e a prosa pela métrica e pela rima, foram adotadas outras características predominantes para diferenciar os gêneros. Na poesia, destacam-se o ritmo, a imagem e, sobretudo, a metáfora, enquanto na prosa prevalecem a exposição e a narração. Se, por um lado, a prosa pode ser considerada menos pura e elevada do que a poesia, por outro, “é mais rica, mais complexa, mais humana e, conseqüentemente, mais dotada de poder de comunicação com a maioria”.³²

A definição de literatura não é objetiva e varia conforme os contextos históricos, culturais e sociais. Para os propósitos deste trabalho, essa discussão, à primeira vista, parece oferecer pouca contribuição à análise. A ausência de uma conceituação objetiva impede que a literatura seja operacionalizada como uma categoria analítica. No entanto, a ênfase na dependência da definição em relação ao contexto histórico fortalece a pertinência de uma pesquisa que busca investigar o que uma revista ilustrada, que também se afirmava literária, entendia por literatura.

Pese a indefinição do conceito, Antonio Candido divide a história da literatura brasileira em três etapas.³³ A terceira delas corresponde a fase do sistema literário consolidado,³⁴ da segunda metade do século XIX em diante, período que inclui as tendências de fins de século, o Modernismo dos anos 1920 e os alinhamentos em voga nos períodos seguintes. Entre os autores dos primeiros tempos dessa fase estão Machado de Assis (1839-1908), José Veríssimo (1857-1916), Aluísio Azevedo (1857-1913) e Euclides da Cunha (1866-1909), todos nomes conhecidos com histórico de publicações em jornais, além dos livros.³⁵ O que demonstra a participação da imprensa na consolidação do sistema literário no país.

A IMPRENSA NO PARANÁ DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

³² *Ibidem*, p. 337.

³³ A primeira etapa foi o período das *manifestações literárias* que vai do século XVI a meados do século XVIII, marcada pelo Barroco literário; a segunda foi a era da *configuração do sistema literário* de meados do século XVIII até a segunda metade do século XIX, quando o Barroco passou por transformações e aconteceram as buscas por renovação do Arcadismo e Neoclassicismo, além da fragmentação do Romantismo e seus desdobramentos. CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. São Paulo: Todavia, 2023. *E-book Kindle*. p. 9-10.

³⁴ Por *sistema* entenda-se a dinâmica que configura a atividade literária regular, ou seja, a produção de *obras* por *autores* que formavam um tipo de conjunto e meios para o seu relacionamento, constituindo uma “vida literária”; o *público* leitor (ou ouvinte) que possibilitava a circulação das obras; a tradição, isto é, a existência de obras e autores do passado reconhecidos e validados como exemplos a seguir ou a rejeitar. CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*, 9.

³⁵ *Ibidem*, p. 49, 52-53, 60-61.

Ao menos desde o século XVIII existiram jornais produzidos na Europa circulando no Brasil.³⁶ Foi com a chegada da Corte portuguesa à então colônia e a criação da Imprensa Régia em 13 de maio de 1808 que se tornou possível o nascimento da imprensa periódica no mesmo ano com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, veículo oficial do governo.³⁷ Décadas mais tarde, em 1854, a Província do Paraná teve publicado o seu primeiro jornal, *O Dezenove de Dezembro*, em Curitiba pela *Typographia Paranaense* de Cândido Martins Lopes, instalado na cidade a convite do Presidente de Província Zacaria de Góis e Vasconcelos.³⁸

A depender do critério adotado para definir o que é uma revista ilustrada – a princípio, periódicos com a presença de imagens – os registros indicam que os primeiros exemplares começaram a circular no Brasil durante o período imperial como são os casos do *Museu Universal: Jornal das famílias brasileiras* (1838-1844) e a *Lanterna Mágica* (1844-1845).³⁹ As revistas ilustradas surgiram em uma época em que se confundiam imprensa e literatura e, de certa forma, contribuíram para delinear a separação entre ambas as atividades no país.⁴⁰

A expansão desses periódicos e da imprensa teve início na Europa a partir do início do século XIX, e estão relacionadas ao aprimoramento industrial das técnicas de impressão e a ampliação do público leitor. No Brasil, o processo de modernização da imprensa ocorreu a partir do final do século XIX e apenas nos principais centros urbanos do país. As revistas semanais de maior vulto vieram a público na primeira década do século XX em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre, Salvador e Curitiba.⁴¹

As transformações ocorridas nessa época gradualmente deram espaço para a empresa jornalística com equipamento gráfico para o desempenho de suas atividades em substituição aos pequenos jornais com estrutura simples e folhas tipográficas.⁴² Se antes imprensa e literatura se misturavam nos jornais, na nova centúria as colaborações literárias eram separadas para páginas destinadas a esse fim. Os jornais não pretendiam mais ser inteiramente literários. Um indício da divisão do trabalho na produção dos impressos foi o aparecimento

³⁶ MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17.

³⁷ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A imprensa periódica na época joanina. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. (Org.). **Livros e impressos: retratos do Setecentos e do Oitocentos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 15.

³⁸ PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)**. Estante Paranista. Curitiba: I.H.G.E.P., 1976. p. 7.

³⁹ CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo *et al.* (org.). **Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2011. p. 19-20.

⁴⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 302.

⁴¹ KAMINSKI, Rosane. A presença das imagens nas revistas curitibanas entre 1900-1920. **Revista Científica/FAP**, v. 5, Curitiba, 2010, p. 149-170. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1578>. Acesso em: 3 abr. 2025. p. 150.

⁴² SODRÉ, Nelson W. *Op. cit.*, p. 275.

das seções de crítica no rodapé da página e o esboço dos suplementos literários. Tal processo de mudanças influenciou no aumento das publicações das revistas ilustradas. Os chamados homens de letras foram acolhidos pelas revistas, enquanto os jornais se tornaram cada vez mais informativos. Nessa fase, as revistas eram predominantemente literárias, um tanto mundanas, e algumas apostavam em conteúdos críticos.⁴³

A importância da imprensa durante a Primeira República era enorme, de modo que “toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais”.⁴⁴ Os escritores profissionais precisaram se adaptar aos gêneros importados da imprensa francesa que eram a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, especialmente, a crônica.⁴⁵

As revistas, mais especificamente, destacam-se na história editorial brasileira por terem sido por muito tempo o suporte ideal para publicação devido, entre outros motivos, à fatura visual e ao amplo domínio da cultura letrada pelo público leitor. Títulos de longa duração como a *Revista da Semana* (1900-1959), *O Malho* (1902-1954), *Careta* (1908-1960), entre outros, são exemplos do êxito desse tipo de periódico e da inserção das “revistas no imaginário brasileiro durante o período de sua primazia como veículo de comunicação, posto cedido parcial e lentamente para o rádio e a televisão”.⁴⁶

As revistas publicadas no Rio de Janeiro nos anos finais do século XIX e início do XX foram responsáveis por produzir “novas formas de linguagem e expressão, seja através dos experimentos poéticos e literários, das fotografias, das caricaturas ou dos *designers* da propaganda publicitária”.⁴⁷ As revistas de São Paulo também variavam em temática e linguagem ao trabalhar com gêneros e escolas literárias com as páginas organizadas em seções que se adaptavam ao público, às estratégias comerciais e às demandas do momento⁴⁸.

Em se tratando da produção literária brasileira, as revistas ilustradas se configuraram como “suporte ideal para o exercício dos gêneros literários em curso, confirmando a importância do periodismo a serviço da formação e da emergência de gerações literárias”

⁴³ *Ibidem*, p. 297.

⁴⁴ MICELI, Sergio. **Poder, Sexo e Letras na República Velha**: estudo clínico dos anarquistas. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977. p. 15.

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ CARDOSO, Rafael. *Op. cit.*, p. 19.

⁴⁷ VELLOSO, Monica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 44. Grifo da autora.

⁴⁸ MARTINS, Ana Luiza. *Op. cit.*, p. 148.

ocupando o espaço deixado pela falta de uma editoração nacional.⁴⁹ Devido à ausência de meios para editar um romance, elaborava-se o conto que tinha publicação certa nas revistas. O romance era produzido pouco a pouco no formato de folhetins reproduzidos no rodapé da primeira página dos jornais como um chamariz para o público leitor.⁵⁰

Importa insistir na especificidade dos gêneros literários nas esferas periódicas, nas quais crônica, conto, folhetim e novela comparecem com características adequadas a cada publicação. No caso das revistas, no âmbito da prosa, a incidência recaiu na crônica, seguida do conto, folhetim, crítica e novela; no tocante à poesia, triunfou o soneto. [...] No jornalismo, predominaram o artigo, a reportagem e a entrevista.⁵¹

Apesar da produção e publicação dos impressos e da existência de uma vida literária, durante a Primeira República predominou no Brasil um contexto de cidadania insuficiente e desigualdades sociais. As regiões do país estavam organizadas em um federalismo dominado pela *política dos governadores* alimentada pela permanência das oligarquias no poder, as quais desde o período imperial eram responsáveis pela diluição da formalidade do Estado e das instituições. Enquanto a Segunda Revolução Industrial e tecnológica se desenvolvia no âmbito internacional e a hegemonia europeia prevalecia diante das outras regiões do globo, o Brasil permanecia agrário, atrasado e subalterno.⁵²

No Paraná, o analfabetismo era um grande problema. O Censo Demográfico do estado indica que em 1900, a região tinha uma população total de 327.136 pessoas. Considerando aqueles com 15 anos e mais, os dados informam que os que sabiam ler e escrever somavam 60.626 pessoas (aproximadamente 18,5% do total) e, nesse mesmo grupo, não sabiam ler e escrever 110.626 pessoas (em torno de 33,8% do total). No intervalo de 20 anos, a população paranaense quase dobrou, saltando para um total de 685.711 pessoas em 1920. Entre os que tinham 15 anos e mais, naquele ano, sabiam ler e escrever 153.221 pessoas (aproximadamente 22,3% do total) e não sabiam ler e escrever 229.571 pessoas (em torno de 33,4%). Pese a dúvida sobre a confiabilidade dos dados, fica patente o baixo índice de pessoas alfabetizadas no estado.⁵³

⁴⁹ *Ibidem*, p. 148-149.

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ *Ibidem*, p. 150.

⁵² SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 291.

⁵³ Os números discriminados por faixa etária no Censo Demográfico, quando somados, não batem com o universo das pessoas com 15 anos e mais que sabiam ler e escrever e aqueles que não possuíam tal conhecimento juntos. Assim como, a soma total dos dados separados por faixa etária não se iguala ao total da população indicada. Porém, servem como um indício do cenário de alfabetizados e analfabetos no Paraná no período. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. SERVIÇO NACIONAL DE RECENTSEAMENTO. VI Recenseamento Geral do Brasil. **Censo Demográfico**. 1º de julho de 1950. Estado do Paraná: seleção dos principais dados. Rio de Janeiro: IBGE, 1953. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_pr.pdf. Acesso em: 3 abr. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_pr.pdf. Acesso em: 3

Um cenário de contradições se desenhava no país tanto quanto no Paraná e em sua capital. Antes mesmo de o analfabetismo ser registrado pelo censo demográfico, nas últimas décadas do século XIX, Curitiba vivenciou um forte impulso econômico promovido pelo cultivo da erva-mate que financiou a reformulação do modelo urbanístico da cidade. Ao contrário das elites tradicionais do setor agrário e pecuarista dos Campos Gerais, a elite urbana que se formava adotou hábitos cosmopolitas e eurocêntricos.⁵⁴ A região, “apesar de provinciana, pouco populosa e com modesto público de leitores, experimentava, a seu modo, as influências da modernização que se intensificava do outro lado do Atlântico”.⁵⁵

Os periódicos ilustrados começaram a ser produzidos na cidade no século XIX favorecidos pela emancipação política da então província e pela imigração europeia, mas foi no início do século seguinte que despontaram na cidade empresas gráficas de fôlego ampliando a produção e propagação de revistas, muitas delas apoiadas financeiramente pela publicidade comercial.⁵⁶

No Paraná, a primeira revista com humor visual, *O Barbeiro*, surgiu em Paranaguá em 1870 e teve duração efêmera.⁵⁷ Publicações desse teor despontaram em Curitiba nas duas primeiras décadas do século seguinte. Além de *A Bomba* em 1913, uma série de impressos de “caráter declaradamente satírico ou simplesmente visando um entretenimento bem-humorado, sustentado na observação e na zombaria de fatos corriqueiros no ambiente urbano”⁵⁸ circularam pela cidade. Entre eles estão *Caras e Carrancas* (1902), *O Relâmpago* (1907), *A Carga* (1907), *O Olho da Rua* (1907-1911), *A Rolha* (1908), *Cinema* (1909), *O Velho não Quer* (1911), *Raios X* (1911), *O Miko* (1914) e *O Flirt* (1919).⁵⁹ As observações de Marilda Queluz⁶⁰ a respeito desses periódicos ressoam muito com o conteúdo veiculado pela *A Bomba*:

As revistas de humor foram um importante espaço midiático, onde os intelectuais da região puderam misturar, experimentar diversas linguagens, todas híbridas, resgatando tradições orais, sotaques, erros, entonações, tradições parnasianas, simbolistas, retomando a fala dos caipiras, alemães, franceses, portugueses, imigrantes, reunindo fragmentos variados, numa colcha de retalhos, um caldeirão de culturas, um amálgama entre o coloquial e a norma culta. Todas fazem um diálogo

abr. 2025. A tabela com os dados de 1900 e 1920 está na página 1 do documento e na página 11 do arquivo em PDF.

⁵⁴ PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **O espetáculo dos maquinismos modernos** – Curitiba na virada do século XIX ao XX. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009. p. 39.

⁵⁵ KAMINSKI, Rosane. *Op. cit.*, p. 149-150.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 150.

⁵⁷ QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Olho da Rua: o humor visual em Curitiba (1907-1911)**. 135 p. Dissertação (Mestrado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/29537>. Acesso em: 3 abr. 2025. p. 30.

⁵⁸ KAMINSKI, Rosane. *Op. cit.*, p. 158-159.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 159.

⁶⁰ *Op. cit.*

com a imprensa oficial ou dita “séria”, abrindo espaço para uma confluência de diversos discursos da sociedade.⁶¹

É essa variedade de experimentações na linguagem em uma revista que se autodesignava ilustrada, humorística e literária publicada em uma cidade tão cheia de contrastes que motivou esta pesquisa.

OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À LITERATURA EM *A BOMBA*

Inspirada na metodologia da análise de conteúdo da Laurence Bardin⁶² em uma abordagem qualitativa da codificação e análise das relações, a procura nas edições de *A Bomba* pelos termos que compõem as unidades de registro, “literatura”, “literário(s)” e “literária(s)”, efetivou-se pela inserção das palavras entre aspas, uma de cada vez, no sistema de buscas da Hemeroteca Digital (HD),⁶³ cujo acervo online dispõe de uma gama de periódicos para consulta, inclusive a revista em estudo, em preto e branco. Os resultados foram anotados em uma planilha de *Excel* indicando o número da edição, página indicada no sistema da HD (*A Bomba* não tinha páginas numeradas), título da unidade de contexto, redator(a), tema, palavras relacionadas à unidade de registro e anotações (com trechos do texto ou observações sobre o resultado encontrado). As ocorrências foram registradas após a síntese da leitura gerar palavras ou, no máximo, expressões curtas. Uma anedota com a presença da unidade de registro “literário” será usada para exemplificar como os resultados foram encontrados:⁶⁴

'O Baar Chic', depois das reformas porque passou, tornou-se um restaurant essencialmente literario. O seu proprietario é um poeta distincto, á prova temos no annuncio em verso que tem publicado no 'Diario', alcançando grande sucesso. O Centro de Letras já o traz de olho. O cosinheiro é habil em metrificacão e prepara saladas poeticas muito apreciadas. Os copeiros tem o ar fatal e romantico de creaturas predestinadas. Os menus são burilados em tersa rima. Até alguns freguezes pedem a boia em verso!

Pelo menos foi o que ha dias se deu com o poeta Ernesto Barreto que não quiz sair fora dos usos da casa. Tendo se sentado á meza e vendo o copeiro pensativo, torturado, de lapis em punho a escrever nas costas de um menú, verificando que o desgraçado rimava, apostrophou-o com emphase nos seguintes termos:

- A musa está a maltratal-o...

Deixe-a, irmão, para depois,

E dê-me um bife a cavallo

Com um supplemento de arroz.⁶⁵

⁶¹ QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Traços urbanos:** a caricatura em Curitiba no início do século XX. 181 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002. p. 30.

⁶² *Op. cit.*

⁶³ O problema de tal procedimento é o risco de falhas no sistema de buscas da HD que nem sempre detecta todas as incidências. Por mais que a busca dos termos tenha sido feita mais de uma vez, não há a certeza de que todas as ocorrências foram encontradas.

⁶⁴ Todas as citações diretas do texto da revista *A Bomba* neste trabalho manterão a grafia original.

⁶⁵ A BOMBA. Curitiba, 30 ago. 1913, Ano I, n. 9.

A partir da anedota tem-se: o Baar Chic tornou-se um restaurante literário; o proprietário é um poeta; anúncio do restaurante publicado em verso no *Diário da Tarde*; Centro de Letras ficou interessado no autor; o cozinheiro é bom com metrificação e prepara saladas poéticas; os copeiros com ar fatal e romântico de criaturas predestinadas; menus feitos em tersa rima; fregueses fazem o pedido em verso; poeta Ernesto Barreto percebeu que o copeiro estava escrevendo com dificuldades em forma de rimas e afirmou que a musa (Poesia) o estava maltratando e fez o seu pedido rimando. Ao refinar os resultados mais uma vez para encontrar as palavras que se relacionam com a unidade de registro “literário” destaca-se: Baar Chic; restaurante literário; poeta; verso; Centro de Letras; metrificação; poéticas; romântico; tersa rima; rimam; poeta Ernesto Barreto; musa (Poesia). Os resultados da busca pelas unidades de registro, “literatura”, “literário(s)”, “literária(s)” na revista e as palavras que se relacionam a elas estão na Tabela 1:

TABELA 1 – RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Categorias	LITERATURA	LITERÁRIO(S)	LITERÁRIA(S)
Produção/Produto	Jornal de literatura; manuais de literatura; livro	Trabalhos literários; obra; <i>A Bomba</i>	<i>A Bomba</i> ; livro/livros; produção literária; novidades literárias; lides literárias
Circulação/Agremiação/Lugares	Intelectualidade EUA	Baar Chic; restaurante literário; Centro de Letras; Clube Literário e Recreativo de São Matheus; concurso literário; meio artístico; meio literário	Agremiação literária; Centro de Letras
Consumo	Leitura	Leitura	Leitura
Produtor	Escritor/escritores; vate [poeta]; literato; Taunay; intelectual; estudante [escritor]	Redatores; colaboradores; poeta/poetas; poeta Ernesto Barreto; Visconde de Taunay; escritor; Nestor Victor	Redatores literários; escritor; romancista; José de Alencar
Forma/Linguagem literária	Versos; rimas; poesia; estilo; romance	Verso; metrificação; poéticas; tersa rima; rimam; musa [Poesia]; soneto; poesia; conto; crítica; romance	Versos; crítica [literária]
Forma da revista	####	Parte humorística e literária da revista	Revista ilustrada, humorística e literária; parte humorística e literária da revista
Campo/Prática artística	Escrita; Literatura; Literatura pátria [literatura nacional]	####	####
Juízo de valor	[Literatura é] elevada; literatice; [literatura como um] ideal;	Romântico; legado literário	Literatice

	interesse/indiferença; gosto		
--	---------------------------------	--	--

Fonte: a autora (2025).

As categorias temáticas foram escolhidas após a síntese dos resultados – dados repetidos dentro de uma mesma unidade de registro foram dispostos sem repetição na tabela – como um meio de organizar e agrupar dados semelhantes. As categorias seguem a orientação de Ana Luiza Martins⁶⁶ de estudar as revistas em seu contexto dentro de uma lógica de produção, circulação e consumo aliada à teoria literária sobre o conceito de literatura. O desdobramento dos três itens incluiu o produto (decorrente da produção), as organizações que contribuem com a circulação (agremiações), produtor (autor), forma da linguagem (recursos literários), a forma da revista (característica que a distingue), o campo artístico (a literatura como arte e prática) e o juízo de valor (julgamento sobre a literatura e seu exercício).

Os resultados indicam paralelos com os elementos do sistema literário apontado por Antonio Candido.⁶⁷ Está presente uma atividade literária regular, pois, são mencionados livros, obras, jornal e revista feitos por ou com a participação de autores/escritores que formavam um tipo de conjunto e possuíam meios para o seu relacionamento, as agremiações (Centro de Letras; Clube Literário e Recreativo de São Matheus), conformando uma vida literária. Também consta o público leitor que contribui para a circulação das obras e a menção a autores do passado (Visconde de Taunay; José de Alencar), em alguns casos, e a autores contemporâneos à revista (Nestor Victor), reconhecidos e validados como pertencentes a uma tradição. Outras características estão associadas à acepção contemporânea de literatura visíveis na menção aos grandes escritores, às formas literárias e aos juízos de valor.

Entre os autores citados estão nomes conhecidos que aparecem nos livros de história da literatura, e um desconhecido. Com reconhecimento nacional, os escritores Alfredo D'Escragnolle Taunay (1843-1899) e José de Alencar (1829-1877) figuram em capítulos sobre o romantismo, no qual o segundo é destacado pela natureza e vastidão da obra que produziu (Bosi, 2017, p. 142, 148) e um dos nomes marcantes da *configuração do sistema literário* brasileiro que se estendeu do século XVIII até meados do século XIX.⁶⁸ Mais regionalmente, Nestor Victor (1868-1932) foi contemporâneo dos redatores da revista e costuma ser lembrado quando o tema é o simbolismo no Paraná pelo seu trabalho no magistério, na literatura e no jornalismo, com destaque à crítica literária e relações com outros

⁶⁶ *Op. cit.*

⁶⁷ *Op. cit.*

⁶⁸ CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*

escritores de seu tempo como Cruz e Souza no Rio de Janeiro, mas mantendo sua ligação com o Paraná.⁶⁹ O poeta Ernesto Barreto não aparece na bibliografia sobre literatura, mas é mencionado na imprensa local como é o caso em *A Bomba*.

Os juízos de valor citam a literatura como algo elevado, um ideal, que pode ou não despertar o interesse e é considerado uma prática menor para alguns, uma literatice. A menção às formas literárias se encaixa bem com a perspectiva estética apresentada por Ariano Suassuna⁷⁰ que distingue a prosa e a poesia, sendo esta produzida em versos com rima e metrificação, segundo uma definição formalista mais primária, tradicional. O conto, a crítica e o romance são citados como gêneros da prosa pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras relacionadas às unidades de registro selecionadas para análise demonstraram que *A Bomba* estava inserida no sistema literário de seu tempo e concebia a literatura de acordo com a interpretação contemporânea influenciada pelo romantismo. Porém, importante acrescentar que a revista não era um periódico técnico, ao contrário, tratava-se de uma revista com publicações sobre os mais diversos temas relacionados aos costumes da época com superficialidade e humor.

A análise de conteúdo mostrou-se uma metodologia válida para um estudo inicial, todavia, gerou um resultado limitado ao conjunto das unidades de registro selecionadas, o que não corresponde a toda experimentação da linguagem encontrada no periódico. Além de poemas e contos, a revista publicou crônicas, anedotas, provérbios, supostas entrevistas e respostas aos leitores etc. que não foram contempladas pela análise por não terem as palavras “literatura”, “literário(s)” e “literária(s)” em sua redação. Deixando a dúvida se os redatores interpretavam toda forma de linguagem verbal publicada na revista como literatura, evidenciando, por sua vez, que os resultados encontrados responderam parcialmente a problemática da pesquisa. Se esta é uma limitação do estudo, por outro lado, cumpriu a tarefa de ser uma incursão inicial que abre possibilidades para análises mais aprofundadas em outros trabalhos.

⁶⁹ MOISÉS, Massaud. **O Simbolismo (1893-1902)**. Vol. IV de A Literatura Brasileira. São Paulo: Ed. Cultrix, 1966. p. 264. BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha**. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2013. p. 410-420.

⁷⁰ *Op. cit.*

FONTES

- A BOMBA. Curitiba, 12 jun. 1913, Ano I, n. 1.
- A BOMBA. Curitiba, 21 jun. 1913, Ano I, n. 2.
- A BOMBA. Curitiba, 1 jul. 1913, Ano I, n. 3.
- A BOMBA. Curitiba, 10 jul. 1913, Ano I, n. 4.
- A BOMBA. Curitiba, 20 jul. 1913, Ano I, n. 5.
- A BOMBA. Curitiba, 30 jul. 1913, Ano I, n. 6.
- A BOMBA. Curitiba, 10 ago. 1913, Ano I, n. 7.
- A BOMBA. Curitiba, 20 ago. 1913, Ano I, n. 8.
- A BOMBA. Curitiba, 30 ago. 1913, Ano I, n. 9.
- A BOMBA. Curitiba, 10 set. 1913, Ano I, n. 10.
- A BOMBA. Curitiba, 20 set. 1913, Ano I, n. 11.
- A BOMBA. Curitiba, 30 set. 1913, Ano I, n. 12.
- A BOMBA. Curitiba, 10 out. 1913, Ano I, n. 13.
- A BOMBA. Curitiba, 20 out. 1913, Ano I, n. 14.
- A BOMBA. Curitiba, 30 out. 1913, Ano I, n. 15.
- A BOMBA. Curitiba, 10 nov. 1913, Ano I, n. 16.
- A BOMBA. Curitiba, 20 nov. 1913, Ano I, n. 17.
- A BOMBA. Curitiba, 30 nov. 1913, Ano I, n. 18.
- A BOMBA. Curitiba, 10 dez. 1913, Ano I, n. 19.
- A BOMBA. Curitiba, 31 dez. 1913, Ano I, n. 20 e 21.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1979.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha**. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2013.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52ª ed. São Paulo: Cultrix, 2017. *E-book Kindle*.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. São Paulo: Todavia, 2023. *E-book Kindle*.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo *et al.* (org.). **Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2011. p. 17-40.

COBEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: LUCA, Tânia Regina de. MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p.103-129. *E-book kindle*.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. SERVIÇO NACIONAL DE RECEASEAMENTO. VI Recenseamento Geral do Brasil. **Censo Demográfico**. 1º de julho de 1950. Estado do Paraná: seleção dos principais dados. Rio de Janeiro: IBGE, 1953. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_pr.pdf. Acesso em: 3 abr. 2025.

JOUE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2020. *E-book Kindle*.

KAMINSKI, Rosane. A presença das imagens nas revistas curitibanas entre 1900-1920. **Revista Científica/FAP**, v. 5, Curitiba, 2010, p. 149-170. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1578>. Acesso em: 3 abr. 2025.

LUCA, Tania Regina de & MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006 (Coleção Paradidáticos). p. 41.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MICELI, Sergio. **Poder, Sexo e Letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.

MOISÉS, Massaud. **O Simbolismo (1893-1902)**. Vol. IV de A Literatura Brasileira. São Paulo: Ed. Cultrix, 1966.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **O espetáculo dos maquinismos modernos** – Curitiba na virada do século XIX ao XX. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)**. Estante Paranista. Curitiba: I.H.G.E.P., 1976.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Olho da Rua: o humor visual em Curitiba (1907 1911)**. 135 p. Dissertação (Mestrado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/29537>. Acesso em: 3 abr. 2025.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Traços urbanos: a caricatura em Curitiba no início do século XX**. 181 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A imprensa periódica na época joanina. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. (Org.). **Livros e impressos: retratos do Setecentos e do Oitocentos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 15-30.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SUASSUNA, Ariano. A Literatura. In: **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 335-342.

VELLOSO, Monica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 43-110.